

## Cotidiano escolar: *contradições e potência*

**School daily life:**  
*contradictions and power*

**Rutina escolar:**  
*contradicciones y potencia*

 **JÉSSICA DUARTE DE SOUZA\***

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, Brasil.

**RESUMO:** Este texto apresenta a seção temática *Cotidiano escolar: contradições e potência*, originada de textos recebidos através do fluxo contínuo. Após passarem pelo processo de avaliação, os materiais foram compilados nesta seção. Apresentamos uma breve reflexão acerca dos estudos sobre cultura e cotidiano escolar brasileiro, ressaltando a dinâmica complexa e plural deste ambiente. Por fim, apresentamos os sete artigos que fazem parte da seção e abordam uma variedade de assuntos, incluindo raça, gênero, inclusão na educação, alfabetização e as condições do trabalho docente.

*Palavras-chave:* Cotidiano escolar. Raça. Gênero. Educação Inclusiva. Trabalho docente.

**ABSTRACT:** This text presents the thematic section *School daily life: contradictions and power*, originating from texts received through continuous flow. After going through the evaluation process, the materials were compiled in this section. We present a brief reflection on studies about Brazilian school culture and everyday life, highlighting the complex and plural dynamics of this environment. Finally, we present seven articles that are part of the section and address a variety of topics, including race, gender, inclusion in education, literacy and the conditions of teaching work.

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. *E-mail:* <jds.duartejessica@gmail.com>.

*Keywords:* School daily life. Race. Gender. Inclusive Education. Teaching work.

**RESUMEN:** Este texto presenta la sección temática *Rutina escolar: contradicciones y potencia*, provenientes de textos recibidos a través de flujo continuo. Luego de pasar por el proceso de evaluación, los materiales fueron recopilados en esta sección. Presentamos una breve reflexión sobre los estudios sobre la cultura escolar y la vida cotidiana brasileña, destacando las dinámicas complejas y plurales de ese entorno. Finalmente, presentamos los siete artículos que forman parte de la sección y abordan una variedad de temas, entre ellos la raza, el género, la inclusión en la educación, la alfabetización y las condiciones del trabajo docente.

*Palabras clave:* Rutina escolar. Raza. Género. Educación inclusiva. Trabajo docente.

## Introdução

No atual contexto educacional brasileiro, marcado por desafios socioeconômicos, políticos e culturais, o cotidiano escolar emerge como um espaço de análise crucial para compreender as dinâmicas e tensões presentes na educação. Nos últimos anos, vivenciamos uma avalanche de retrocessos e ataques à educação: escola sem partido, desrespeito à laicidade da escola pública, perseguição e ataques aos e às docentes, negacionismo científico, revisionismo histórico, Novo Ensino Médio, e tudo isso perpassado por racismo, machismo, homofobia e ódio às pessoas pobres. Essas ações fazem parte de um projeto para minar as escolas a partir de dentro (CÁSSIO, 2019, p. 16).

A disputa mais intensa entre ultraconservadores/as e reacionários/as pela direção pedagógica e pelo conteúdo curricular ocorre dentro das instituições escolares. Por isso, é fundamental promover debates sobre o papel das escolas, especialmente através de processos coletivos. Podem servir como exemplo as ocupações secundaristas de 2016, em que estudantes do ensino médio assumiram o protagonismo no debate sobre educação e apresentaram alternativas para a escola pública. “Desbarbarizaram pela via da insurgência” (CÁSSIO, 2019, p. 18).

As escolas têm sido disputadas por projetos políticos de extrema direita, e precisamos estar atentos/as – principalmente neste ano de eleições municipais – para o que acontece dentro delas, no seu cotidiano. Sobretudo, cabe atentar para a potência produzida a partir do cotidiano escolar, nesse sentido, a reflexão sobre o tema se torna fundamental, não

apenas para entender as práticas pedagógicas e relações interpessoais nesse ambiente, mas também para pensar estratégias de enfrentamento e transformação ante os desafios presentes. Isso significa a elaboração de maneiras de enfrentar e resistir às diversas formas de barbárie que permeiam a sociedade contemporânea.

O cotidiano escolar, como espaço de vivências e interações entre estudantes, professores e professoras, gestão e demais pessoas que habitam essas instituições, é permeado por uma multiplicidade de aspectos que vão desde as relações de poder e hierarquia até as manifestações culturais e de criação dos/das sujeitos/as envolvidos. A escola é polissêmica, não sendo possível considerá-la como um dado universal, com um sentido único, estática e amorfa perante todas as relações que a cercam (DAYRELL, 1996, p. 144). Seu cotidiano é complexo, com contradições e potencialidades. “Olhar a instituição escolar pelo prisma do cotidiano permite vislumbrar a dimensão educativa presente no conjunto das relações sociais que ocorrem no seu interior” (DAYRELL, 1996, p. 151). Essa dimensão educativa acontece, predominantemente, pela prática usual dos e das estudantes na produção de suas racionalidades.

Direcionar o olhar para o cotidiano escolar é encontrar brechas num sistema educacional em ruínas, percebendo o protagonismo de todos e todas que o compõem na promoção de uma educação democrática. A seção temática *Cotidiano escolar: contradições e potência* faz parte da primeira edição da *Retratos da Escola* em 2024. Esta seção é composta por artigos recebidos através do fluxo contínuo, que, após passarem pelo processo de avaliação por pares, foram aqui compilados. Em 2023 tivemos um aumento considerável do número de submissões do fluxo contínuo (artigos e relatos de experiência), e a necessidade de publicização desse material originou esta seção temática. Ficamos felizes com a procura de pesquisadores, pesquisadoras, estudantes, docentes de educação básica e do ensino superior pela *Retratos da Escola*. Nosso objetivo é ressaltar a importância da disseminação democrática de pesquisas acadêmicas e trazer um pouco de esperança quando falamos sobre as escolas brasileiras.

## Cotidiano escolar

O cotidiano escolar é um campo de estudo vasto e complexo, abrangendo uma série de temas cruciais para compreender a dinâmica e os desafios da educação contemporânea. Políticas de inclusão e diversidade, violência escolar, avaliação educacional, uso da tecnologia na educação, currículo e práticas pedagógicas, bem como gestão escolar, são áreas de debate e investigação que influenciam diretamente as experiências de estudantes, docentes, funcionários e funcionárias das escolas e demais sujeitos/as educacionais. Esses aspectos do cotidiano escolar não apenas refletem as políticas e práticas educacionais em vigor, mas também moldam a qualidade e a equidade do ambiente escolar.

Estudando a relação entre cultura e cotidiano escolar, Nilda Alves (2003) sistematizou uma breve história de como as pesquisas nessa área se desenvolveram no Brasil. Uma primeira tendência, originada nos Estados Unidos, entendia o cotidiano escolar como uma *caixa preta*. Segundo a autora, quem utiliza essa metáfora busca sugerir a incerteza quanto ao conhecimento do que realmente ocorre no ambiente escolar. Nessa interpretação, independentemente do que aconteça no interior dessa *caixa preta* – que seria a escola –, a intervenção no sistema educacional deve ser direcionada aos estágios iniciais, com base na retroalimentação de dados obtidos no término do processo anterior. A implementação de exames na conclusão de ciclos e cursos serve como exemplo concreto desse ‘modelo’ (ALVES, 2003, p. 63).

Um segundo momento sobre os estudos acerca do cotidiano escolar no Brasil foi influenciado por concepções da chamada Escola de Frankfurt e das pesquisas do norte-americano Robert Stake. Posteriormente, aprofundou-se a “compreensão de que o conhecimento das tantas escolas existentes em um mesmo sistema educativo só é possível na medida em que, nos processos necessários a esse conhecimento, incorporem os múltiplos sujeitos do cotidiano escolar” (ALVES, 2003, p. 64), com estudos acerca do/da *professor/a-pesquisador/a* advindos de trabalhos na Inglaterra. A partir da tradução no Brasil de trabalhos realizados no México, incorporou-se aos estudos do cotidiano escolar o entendimento de que, mais do que a tendência de descrever a escola em seus aspectos negativos, é necessário analisar as escolas em suas realidades, vendo o que é criado nesse ambiente. Com a introdução de autores/as relacionados/as aos estudos culturais no Brasil,

foi possível a ampliação dos trabalhos no/do cotidiano, através da compreensão das relações que mantêm entre si os múltiplos cotidianos em que cada um vive, em especial considerando os artefatos culturais com os quais os praticantes desses cotidianos tecem essas relações (ALVES, 2003, p. 65).

Os estudos sobre o cotidiano escolar também incorporaram o debate crítico ao modelo de ciência moderno, que se baseia na necessidade de considerar os conhecimentos cotidianos em um “‘senso comum’, a serem ‘superados’ pelos conhecimentos científicos” (ALVES, 2003, p. 65)<sup>1</sup>. Principalmente a partir da década de 1980, as análises sobre a instituição escolar buscam superar os determinismos sociais presentes nos exames macroestruturais, como as teorias funcionalistas e as teorias de reprodução social (DAYRELL, 1996, p. 136). Nessa nova abordagem, a atuação dos/das indivíduos/as é enfatizada em relação às estruturas sociais.

A instituição escolar resulta de um conflito entre interesses diversos: por um lado, uma organização oficial do sistema educacional que determina os conteúdos centrais, atribui papéis, organiza, separa e hierarquiza o espaço, visando diferenciar as funções e, idealmente, estabelecer as relações sociais; por outro lado, os/as sujeitos/as – estudantes, docentes, funcionários e funcionárias – que estabelecem uma teia de interações própria,

transformando a escola em um processo contínuo de construção social. Compreender a escola como uma construção social implica, portanto, entender sua dinâmica cotidiana, na qual os/as sujeitos/as não são meros/as agentes passivos/as diante da estrutura. Pelo contrário, trata-se de uma relação em constante desenvolvimento, envolvendo conflitos e negociações, em resposta às circunstâncias específicas (DAYRELL, 1996, p 137).

A escola é um espaço sociocultural e é concebida como uma entidade ordenada em duas dimensões: institucionalmente, por meio de um conjunto de normas e regulamentos que buscam padronizar e definir ações dos/das indivíduos/as envolvidos; e no dia a dia, por uma intrincada rede de relações sociais entre os e as participantes, incluindo alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas de transgressão e acordo. Esse é um processo contínuo de apropriação de espaços, normas, práticas e conhecimentos que moldam a vida escolar. Resultado da interação recíproca entre sujeito/a e instituição, esse processo é heterogêneo. Nessa ótica, a realidade escolar é mediada no cotidiano por apropriações, elaborações, reelaborações ou rejeições expressas pelos/as sujeitos/as sociais (DAYRELL, 1996, p 137).

A escola é múltipla e diversa, pois todos e todas que a compõem são sujeitos/as socioculturais que carregam experiências e diferentes saberes. Quando a escola é vista como uma instituição única e homogênea, o próprio processo de ensino e aprendizagem é construído em uma lógica também homogênea e instrumental, reduzindo os/as sujeitos/as à dimensão cognitiva. “O conhecimento é visto como produto, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo” (DAYRELL, 1996, p 140). Exemplo do poder dessa forma de pensar a escola é o espaço que as avaliações de larga escala têm ganhado na sociedade brasileira, em uma espécie de ‘ideologia da aprendizagem’. Os números apresentados por tais avaliações mais trazem pânico à opinião pública do que realmente demonstram a realidade das escolas brasileiras. Reduzem a complexidade dos problemas educacionais e reforçam o princípio individualista e concorrencial (CÁSSIO, 2019, p. 15). Essa perspectiva estimula a homogeneidade e não a diversidade.

Multiplicidade, pluralidade e diversidade são palavras presentes no cotidiano escolar e entre os/as sujeitos/as que fazem a escola. Problemas sociais e de classe, pluralismo religioso e político, questões de raça, gênero e sexualidade, cultura e resistência dos povos indígenas, acessibilidade, periferias urbanas e rurais, contextos urbanos e rurais, essas são só algumas questões presentes na sociedade brasileira e que, conseqüentemente, estão e são o cotidiano escolar. A escola não é uma instituição isolada da sociedade, é formada por pessoas que nela vivem, e o contexto em que está inserida influencia seu cotidiano. O lugar em que a escola está situada, se em zona rural ou urbana, central ou periférica, as características da sala de aula (com chão batido ou lousa digital), tudo isso faz parte e influencia diretamente o seu cotidiano.

Diante de tanta diversidade, não faz sentido pensarmos em padronizações para esse espaço rico em pluralidade. Essas diferenças podem ser encaradas como vantagem

pedagógica (FERREIRO *apud* CANDAU, 2016, p. 805). São temas que geram discussões, discordâncias e manifestações de intolerância e discriminação, ao mesmo tempo em que inspiram várias iniciativas sob uma ótica que promova a afirmação democrática, o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade na qual todos/as os/as indivíduos/as possam desfrutar plenamente de seus direitos de cidadania (CANDAU, 2016, p. 804).

A dificuldade de se pensar a instituição escolar sem o reconhecimento das desigualdades e diferenças sociais dos/das estudantes, com um pretense tratamento uniforme, tem o efeito de consagrar essas desigualdades e injustiças. Não se trata de fechar os olhos para as desigualdades, ao contrário, é necessário trabalhar o olhar e a sensibilidade em “relação a diversas dimensões do cotidiano escolar em que as diferenças culturais podem ou não se manifestar, interagir com os colegas sobre essas questões, elaborar planejamentos de práticas educativas interculturais, desenvolvê-las e analisá-las” (CANDAU, 2016, p. 812).

As diferenças culturais são riquezas que potencializam o cotidiano escolar, e quando estamos atentos/as, conseguimos enxergar essa potência sendo produzida pelos/as sujeitos/as que compõem a escola. O significado da escola, o espaço físico escolar, suas normas e regras são ressignificados por quem faz parte dela, sobretudo os e as estudantes que estão constantemente produzindo seus significados e racionalidades. Precisamos considerar a condição juvenil e as múltiplas dimensões que cercam esses/as jovens, como seu lugar social e suas expressões culturais. “O jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela” (DAYRELL, 2007, p. 1118). A escola é um espaço peculiar que articula diferentes dimensões, tanto para sufocar quanto para fomentar as várias facetas da condição juvenil.

O ambiente escolar e seu cotidiano não estão alheios à sociedade e ao seu entorno, tampouco a formação de uma educação democrática é responsabilidade apenas da escola:

A educação, portanto, ocorre nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico. Nesse campo educativo amplo, estão incluídas as instituições (família, escola, igreja, etc...), assim como também o cotidiano difuso do trabalho, do bairro, do lazer, etc (DAYRELL, p. 1996, p. 142-143).

Desse modo, não é possível pensarmos a educação e o cotidiano escolar dissociados do mundo e da vida, é necessário considerar “a instituição escolar – e outros potenciais espaços educativos – a partir dos diferentes territórios em que as pessoas vivem e significam suas vidas” (MOLL, BARCELOS & DUTRA, 2022, p. 714). Também é necessário lutar por políticas que incorporem a cidade em sua função educativa, assegurando o direito à mobilidade, inclusive durante as noites dos finais de semana, promovendo o acesso a instalações culturais, de lazer e, sobretudo, convertendo os espaços públicos em locais

de encontro, incentivo e expansão das capacidades dos/das jovens, permitindo, verdadeiramente, o exercício de uma cidadania (DAYRELL, 2007, p. 1125). Considerar a cidade implica refletir sobre relações harmoniosas entre indivíduos/as, autoridades governamentais, políticas públicas e instituições, com vistas a promover o bem-estar coletivo.

Destacar a importância da educação formal e conceber a educação para além dos limites escolares são aspectos essenciais para a construção de uma sociedade na qual todos os seus membros, por meio de acordos que valorizem a vida, desempenhem papéis como educadores/as quanto como educandos/as (MOLL, BARCELOS & DUTRA, 2022, p. 714). Pensar a educação para além da sala de aula e do espaço formal de educação é um dos caminhos apontados por bell hooks, por exemplo, para uma educação verdadeiramente democrática e para a prática da liberdade, em vez da manutenção das estruturas de dominação. Segundo a autora, quando se ensina o conhecimento para ser significativo em outros ambientes (ou a partir de outros ambientes), estudantes experenciam o aprendizado como um processo integral (hooks, 2019, p. 202).

Percebemos como o cotidiano escolar é complexo e permeado por diferentes fatores. O contexto histórico, as políticas educacionais, o debate público e político, o perfil de quem está inserido/a na escola, o ambiente interno e externo da escola e a diversidade são alguns dos elementos. Há, ainda, muitas outras dimensões para serem consideradas nos estudos acerca do cotidiano escolar. Conforme pontuado, a escola é um espaço que reproduz estruturas de dominação, mas também produz múltiplas racionalidades, criatividade e potência.

Esta seção temática não tem a intenção de abarcar todas as facetas presentes no cotidiano escolar (e nem poderia!), mas de suscitar o debate para algumas questões que estudantes, educadores/as, gestão, funcionários/as e comunidade escolar vivenciam no seu cotidiano: raça, gênero, desafios da alfabetização, educação inclusiva e políticas educacionais que impactam as condições do trabalho docente. Todos os textos desta seção temática enxergam a diversidade como vantagem pedagógica.

Em *Contribuições para uma educação escolar antirracista: bell hooks e a pedagogia engajada*, Bernardo Mattes Caprara e Lucas Antunes Machado propõem a análise da pedagogia engajada de bell hooks como possível ferramenta para promover uma educação escolar antirracista. Inicialmente, são delineados os princípios fundamentais da obra educacional da autora, destacando sua abordagem crítica em relação a racismo, sexismo e opressão de classe. Em seguida, há a contextualização da concepção pedagógica de bell hooks dentro de um projeto ético-político que visa confrontar o *pacto da branquitude* existente na sociedade brasileira. Essa abordagem é considerada relevante para desafiar as estruturas de poder e privilégio que permeiam o cotidiano escolar, fornecendo estratégias valiosas para promover práticas educacionais mais inclusivas e antirracistas nas escolas do país.

*Educação democrática e equidade de gênero: disputas na cultura escolar*, de Fernando Seffner e Fernando Penna, e *Masculinidade hegemônica e educação: um estado de conhecimento*, de

Eduardo dos S. Henrique, Luciano D. da Rocha e Gabriela da Silva, revelam uma interseção significativa na análise das dinâmicas escolares em relação às questões de gênero e poder. Enquanto o primeiro artigo destaca a importância da educação democrática como estratégia para enfrentar desafios contemporâneos – como ataques à liberdade de ensinar e disputas em torno da ‘ideologia de gênero’ –, o segundo enfoca a compreensão das masculinidades hegemônicas no contexto educacional brasileiro. Ambos apontam a necessidade de transformações profundas na cultura escolar, buscando tornar o ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para os e as estudantes, independentemente de suas identidades de gênero. Essa convergência destaca a importância de abordagens críticas e interseccionais para promover uma educação verdadeiramente democrática e igualitária, capaz de lidar de forma eficaz com as complexidades das relações de poder e das identidades de gênero dentro das instituições educacionais.

Raimunda Alves Melo e Elvira Cristina M. Tassoni, com o artigo *Desafios de alfabetizadoras no pós-pandemia*, destacam que as atividades pedagógicas não presenciais durante a pandemia não foram eficazes para todos/as os/as estudantes, resultando em dificuldades significativas no processo de alfabetização. Isso ressalta a necessidade urgente de ações que procurem a recomposição da aprendizagem, o acolhimento emocional e o fomento da saúde mental, tanto para estudantes quanto para docentes. A garantia da alfabetização no contexto pós-pandemia emerge como um desafio crucial para a comunidade escolar, exigindo uma prioridade política, investimentos públicos substanciais e a implementação de ações permanentes que garantam o direito à educação para todos/as os/as estudantes. Ressaltamos aqui a concordância com bell hooks sobre a garantia universal da alfabetização para a educação democrática (hooks, 2019, p. 199). O estudo de Alves e Tassoni sublinha a importância de reconhecer as desigualdades como critérios essenciais na análise da realidade educacional e na formulação de políticas e estratégias pedagógicas.

Abordando a educação inclusiva, Maria Carolina F. Ribeiro e Elizabete C. Costa-Renders, em *Processo de inclusão escolar de estudantes com TEA: em perspectiva o desenho universal para aprendizagem*, enfatizam a importância do Desenho Universal para Aprendizagem – DUA como ferramenta de apoio para estimular uma prática inclusiva em sala de aula. Reconhecendo o direito de todos/as os/as discentes à educação escolar, o estudo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o DUA para oferecer suporte não apenas a professores e professoras, mas também a escolas e pais/mães, na promoção de uma educação inclusiva. Conduzida por meio de uma abordagem narrativa envolvendo duas professoras, a pesquisa incluiu coleta de dados e rodas de conversa para explorar as contribuições do DUA no processo de alfabetização inclusiva. Como resultado, foi desenvolvido um caderno didático que fornece estratégias inclusivas para o período de alfabetização, refletindo sobre a abordagem pedagógica baseada no DUA e na Pedagogia dos Multiletramentos. As reflexões e práticas levantadas pela autora proporcionam a

criação de ambientes de aprendizagem mais acessíveis e acolhedores para todos e todas, entendendo as diferenças como verdadeiras vantagens pedagógicas.

O estudo sobre a *Transitoriedade na Educação: docentes temporários na educação básica brasileira*, de Vanessa Viebrantz Oster, Angela M. Martins e Edmar Lucas F. Sehnem, discorre sobre a realidade de docentes temporários/as na educação básica brasileira, evidenciando a precarização desse trabalho no país. A pesquisa, conduzida através de uma abordagem exploratória de método misto, analisa dados do Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP referente ao ano de 2022, com foco na identificação dos vínculos precários no magistério em estados e municípios. Os resultados revelam que tanto redes estaduais quanto municipais possuem alto número de contratos temporários, indicando um descumprimento do Plano Nacional de Educação – PNE, que estabelece um percentual mínimo de docentes efetivos. Essa precariedade dos contratos temporários não apenas prejudica a valorização da carreira docente, mas também impacta negativamente a qualidade da educação pública. Para enfrentar esse cenário, o estudo destaca a importância de garantir segurança profissional, formação adequada e igualdade de oportunidades para os/as professores/as temporários/as. Nesse contexto, a realização de concursos públicos para a efetivação de docentes surge como uma medida fundamental para assegurar esses direitos e fortalecer a gestão democrática e participativa nas escolas. Esses achados têm implicações diretas no cotidiano escolar, pois refletem as condições de trabalho dos professores, das professoras e, conseqüentemente, afetam o processo de ensino e aprendizagem discente e a relação com a comunidade escolar.

Fechando a seção temática, Silvia Zimmermann P. Guesser e Márcia de Souza Hobold apresentam um artigo que investiga as condições de trabalho de professores e professoras durante a hora-atividade, destacando suas implicações no cotidiano escolar. *Condições de trabalho de docentes na hora-atividade: tensões e vigilância da rede de ensino* foi um estudo realizado com a participação de 15 docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Educação e Cultura de Antônio Carlos – SC. O artigo emprega uma abordagem qualitativa, utilizando métodos como exame documental, levantamento bibliográfico e questionário. Os resultados revelam uma sobrecarga de tarefas rotineiras e burocráticas durante a hora-atividade impostas pela gestão escolar e a secretaria municipal de Educação, o que limita o tempo disponível para interações colaborativas entre os/as professores/as e para a participação em atividades de formação continuada. Além disso, constatou-se que esses/as profissionais não são sindicalizados/as, evidenciando um contexto de fragilização dos direitos trabalhistas historicamente conquistados pela classe docente.

## Considerações finais

O estudo acerca do cotidiano escolar é um espaço fértil para a compreensão mais ampla dos processos educacionais. Conforme argumenta Beel Hooks, os “sistemas educacionais que, embora estruturados para manter a dominação, não são sistemas fechados e, por isso, têm no seu interior subculturas de resistência em que a educação como prática da liberdade ainda acontece” (Hooks, 2019, p. 209). Nesse contexto, a compreensão do cotidiano escolar como um espaço de reprodução e resistência se mostra fundamental. Juárez Dayrell (2007) nos convida a observar como as culturas juvenis permeiam esse ambiente, influenciando e sendo influenciadas pelas práticas pedagógicas e pela dinâmica social da escola. Ao reconhecermos a existência dessas subculturas de resistência, percebemos que a educação como prática da liberdade não está totalmente subjugada às estruturas de dominação, mas encontra brechas para se manifestar e contestar tais estruturas.

Assim, mostra-se fundamental reiterar a importância de se promover uma educação que respeite a diversidade, que valorize a participação democrática e que esteja em constante busca pela *desbarbarização* do ensino. Somente através de reconhecimento e fortalecimento dessas subculturas de resistência, aliados ao engajamento em projetos educacionais radicalmente democráticos, é que poderemos transformar as escolas em espaços verdadeiramente inclusivos, laicos e livres, onde a educação como prática da liberdade possa florescer plenamente.

O cotidiano escolar é um espaço vivo e dinâmico, onde se entrelaçam as experiências individuais e coletivas dos/das sujeitos/as envolvidos/as. Esse ambiente é permeado por relações sociais, de poderes e de resistências. As práticas cotidianas que ocorrem dentro da escola não são apenas rotinas mecânicas, mas também são potência e possibilidades de expressão de identidades, valores e aspirações dos seus membros. Ao investigarmos o cotidiano escolar, somos convidados/as a mergulhar nas complexidades das interações humanas, negociações de poder e possibilidades de transformação social que se manifestam nesse espaço, sem perder de vista limites, contradições e problemas do nosso atual modelo educacional.

Esta seção temática buscou explorar temas que permeiam as dinâmicas da vida escolar. Apresentamos sete textos que abordam uma variedade de assuntos, incluindo raça, gênero, inclusão na educação, alfabetização e condições do trabalho docente. Embora reconheçamos que os temas discutidos ainda não capturam toda a complexidade e a diversidade do cotidiano escolar brasileiro, é importante ressaltar que os estudos apresentados consideram a diversidade como uma vantagem pedagógica. De maneiras distintas, esses textos suscitam discussões essenciais relacionadas à democratização do ensino, à promoção da inclusão e à luta contra estruturas de dominação que permeiam o ambiente educacional. Esperamos que aproveitem as leituras.

*Recebido em: 27/03/2024; Aprovado em: 10/04/2024.*

## Notas

- 1 Para saber mais sobre o debate, ver: ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n, 23, p. 62-74, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

## Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n, 23, p. 62-74, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003, p. 62-74.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 46, n. 161, jul./set. 2016, p. 802-820.

CÁSSIO, Fernando. Desbarbarizar a educação. In: CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 13-20.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p. 136-161.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, 2007, p. 1105-1128.

hooks, bell. Educação democrática. In: CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 199-208.

MOLL, Jaqueline; BARCELOS, Renata Gerhardt de & DUTRA, Thiago. Cidades que educam e se educam: reconstruindo o olhar sobre a educação a partir dos territórios e das pessoas. *Retratos da Escola*, Brasília, v. 16, n. 36, 2022, p. 713-717.